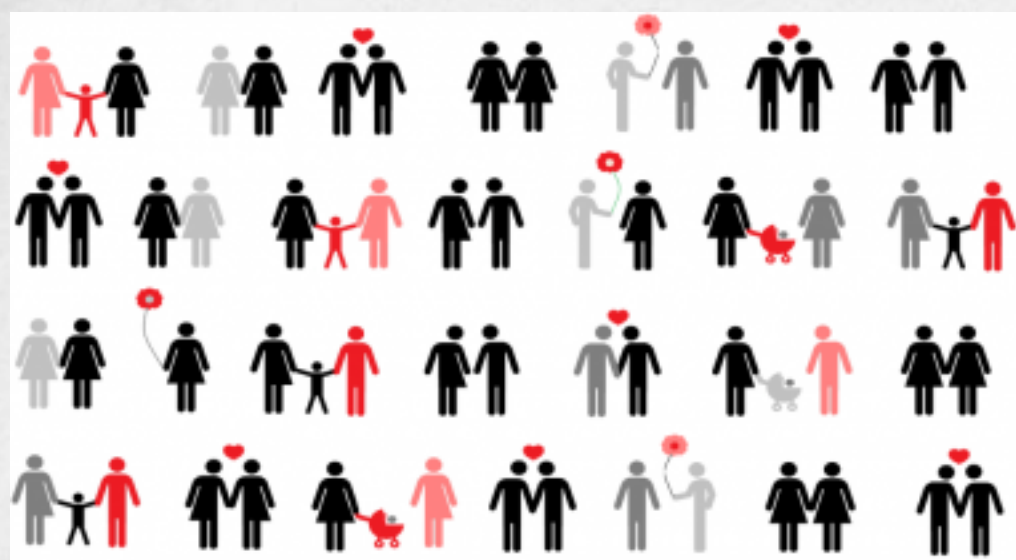


O que é, mesmo,
uma família?



Pensar em família na atualidade é pensar para além do modelo tradicional ou nuclear, aquele composto basicamente pela tríade pai – mãe – filhos. Mudanças sociais e culturais promoveram remanejamentos nesta estrutura familiar e com isso surgiram diferentes formas de parentalidade e família, tais como composta apenas pela mãe ou pai e seu filho, por vinculação homoafetiva, recompostas (marido e mulher se unem com seus filhos de relações anteriores), produção independente....Enfim, todos os diferentes arranjos presentes no atual cenário cultural que criaram um repertório bem mais amplo para definir o que é uma família. Sabemos que a família nuclear representou durante séculos a fio o modelo de família, a única possibilidade e modo dos adultos se organizarem para cuidar de suas crias. Esse modelo sedimentou-se de tal forma, que se tornou difícil pensar na possibilidade de que outros arranjos familiares pudessem proporcionar o desenvolvimento de crianças psicologicamente saudáveis e socialmente responsáveis. São compreensíveis, portanto, os movimentos de resistência e estranhamento frente

aos novos arranjos familiares e o sentimento de nostalgia de um passado no qual, ideal e imaginariamente, tudo funcionaria. Assim, os questionamentos destes novos arranjos se dão em “defesa da família” ou “proteção das crianças”. São frequentes as perguntas: “Quais as consequências psíquicas para uma criança que se desenvolve em uma família homoafetiva?”, “E para aquelas que se subjetivam a partir de uma referência familiar monoparental?”, “Como uma criança vai se constituir de forma saudável quando da ausência do homem (pai) ou da mulher (mãe) na família?”. As respostas a estas perguntas não são fáceis, definitivas nem assertivas, no entanto, elas nos incitam algumas reflexões indispensáveis. Sabemos que a filiação se sustenta num lugar simbólico que a criança ocupa para aqueles que o recebem e o integram no seio familiar. A subjetivação de uma criança numa família diz de uma experiência de cuidado e atenção, de uma sustentação e continência oferecidas pelo ambiente, representado pelos adultos que dela se ocupam e cuidam, que a insere no mundo cultural e social. Na medida em que o ambiente proporciona

essas condições suficientemente boas, a criança pode atingir a maturidade emocional e psíquica. Ao mesmo tempo, a família é a representante do mundo e é através e a partir dela que as crianças entram em contato com ele. A construção da filiação, portanto, não é um processo natural, ou seja, não se vira filho ou filha por determinação biológica. Neste sentido, o desenvolvimento de uma criança diz muito mais do lugar que ela ocupa no imaginário familiar, ao afeto e aos investimentos que circulam em seu entorno, do que dos modos de constituição da família.

Problematizar, portanto, a noção de família nuclear como modelo e única possibilidade para nossas relações é primordial para que conceitos enrijecidos e historicamente naturalizados não nos impeçam de tomar cada experiência, como singular e não limitemos nossa visão sobre as infinitas possibilidades humanas de subjetivação.